



**COLÉGIO JOÃO PAULO I - UNIDADE SUL
INTRODUÇÃO À METODOLOGIA CIENTÍFICA 2023**

TURMA: 9A

COMPORTAMENTO E PENSAMENTO CANINO

Gregório Banolas Jobim Pinto

Orientador - Marta Banolas Jobim

Porto Alegre/RS

2023

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
Justificativa	6
Objetivo	6
2. METODOLOGIA	7
3. RESULTADOS	8
4. CONCLUSÃO	10
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	11

1. INTRODUÇÃO

Os cães são animais domesticados que fazem parte de nossas vidas há milhares de anos. Eles têm natureza gregária, afiliativa, cooperativa e afetiva (SILVEIRA *et al.*, 2016). São animais extremamente comunicativos e muito sociais. Durante seu desenvolvimento psicobiológico, o cão apresenta períodos distintos (neonatal, transição, socialização e juvenil), relacionados, principalmente, ao primeiro ano de vida do animal (SILVEIRA *et al.*, 2016). O momento de socialização primária ocorre entre a terceira semana e o terceiro mês de vida dos cães. Essa etapa é de suma importância em suas vidas, uma vez que as experiências vivenciadas durante esse período desempenharam um papel determinante na formação dos padrões de comportamento que irão manifestar na idade adulta. Nesta fase, o filhote aprende a diferenciar estímulos ambientais benignos e ameaçadores, adquire habilidades comunicativas e de organização social, que são essenciais para a capacidade de adaptação e interação desse cão (FARACO E SOARES, 2013).

O sistema nervoso sensorial do animal está sensível e, portanto, é o período em que ele aprende a ser sociável com os animais de sua espécie, e de outras espécies também, como o ser humano. (CALDERON *et al.*, 2008). Além de companheiros fiéis, os cães foram utilizados em diversas atividades humanas como guarda, pastoreio e caça. No entanto, os donos de cães costumam ter dificuldades em entender o comportamento e o pensamento do cão, o que pode causar problemas na convivência e até situações perigosas para o animal e as pessoas ao seu redor. Neste texto, discutiremos alguns dos comportamentos e pensamentos caninos mais importantes e as orientações para ajudar os tutores a entender e se comunicar melhor com seus animais de estimação.

Os cães são animais sociais, e, portanto, seu comportamento é fortemente influenciado pela hierarquia. Um grupo de cachorros tem um líder que é responsável por tomar decisões e proteger o grupo. O líder ideal é aquele que tem capacidade de manter o equilíbrio do grupo e direcioná-lo para o sucesso traçando limites claros (ROSSI,2011). Estes limites protegem o grupo. Por isso, a importância dos ensinamentos do tutor na fase de socialização do cão, pois a hierarquia é uma forma natural de organização dos cães, e quando são trazidos para o ambiente doméstico, tendem a formar essa hierarquia com seus tutores e demais animais da casa.

Um dos comportamentos mais comuns em cães é o latido. O latido é a forma de comunicação mais importante para os cães e pode ser usado para expressar muitas coisas, como alertar sobre perigo, defender território, cumprimentar ou simplesmente querer atenção. Alguns

cães latem mais do que outros e isso pode ser influenciado por muitos fatores, incluindo genética, ambiente e treinamento (HOROWITZ, 2011). Além de latir, os cães também se comunicam por meio da linguagem corporal. Eles podem mostrar suas emoções através de postura corporal, expressões faciais e movimentos da cauda. É importante que os donos de cães aprendam a ler a linguagem corporal de seus animais de estimação, pois isso pode ajudá-los a entender melhor suas emoções e necessidades (FARACO E SOARES, 2013). Conforme ROSSI (2011), a negociação de questões de matilha é feita através de sinais e posturas que muitas vezes nem chegam perto da agressividade, pois, a cada mordida, precedem muitos outros sinais não agressivos que foram transmitidos antes da necessidade da ameaça ou lesão propriamente dita.

Pensando em um cachorro, os cães têm sua própria maneira de pensar, que, muitas vezes, é diferente do pensamento humano. Compreender como os cães pensam pode ajudar os donos a se comunicarem melhor com seus animais de estimação e evitar comportamentos indesejados. Um dos elementos-chave do pensamento canino é a capacidade de associar ações com consequências (ROSSI, 2008), por exemplo, se um cachorro é recompensado com uma guloseima após um determinado comportamento, é mais provável que ele repita o mesmo comportamento no futuro.

Os cães também têm um forte olfato e o usam como sua principal forma de experimentar o mundo. Eles podem detectar uma ampla gama de cheiros, que podem afetar seu comportamento e emoções. Por exemplo, o cheiro de uma pessoa ou objeto familiar pode acalmar um cachorro, enquanto o cheiro de um predador pode causar medo ou agressão (HOROWITZ, 2011).

Ademais, os cães também têm a capacidade de formar laços emocionais com seus donos e outros animais. Esse vínculo emocional é baseado em confiança, amor e reforço positivo constante. Os donos podem fortalecer esse vínculo passando um tempo de qualidade com seus animais de estimação, proporcionando estimulação física e mental e demonstrando afeto e elogios (FARACO E SOARES, 2013).

Compreender como os cães se comportam e pensam é essencial para que os donos proporcionem um ambiente seguro e enriquecedor para seus animais de estimação. Conforme SILVEIRA (2016), ao reconhecer sua linguagem corporal, comunicar-se de forma eficaz e fornecer estimulação física e mental, os donos podem ajudar a prevenir comportamentos indesejados e fortalecer o vínculo com seu amigo peludo.

Podemos citar como exemplo o estudo de Soares e colaboradores, realizado em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, em que 27,6% dos proprietários de cães residentes em

apartamento entrevistados descreveram a agressividade como um comportamento incômodo ou problemático exibido por seus animais (SOARES *et al.*, 2012). No mesmo município, 87,4% dos proprietários de cães que viviam em apartamentos afirmaram que seus bichos demonstravam comportamentos de rosnar ou tentar morder em pelo menos uma situação comum do dia a dia. A situação que desencadeia tais respostas com maior frequência ocorria quando o cão havia sido contrariado, em 30,1% dos casos (SOARES *et al.*, 2007).

No entanto, é importante destacar que a agressividade é um comportamento social natural que faz parte da natureza dos cães, surgindo de maneira contextualizada e resultante de processos dinâmicos. Este comportamento precisa ser avaliado no contexto (dentro ou fora de casa, no canil), quanto ao alvo da agressão (humanos ou animais) e a sequência do comportamento agressivo (linguagem corporal, tipo de agressão) conforme Silveira e colaboradores (2016). Além disso, a saúde do animal também pode influenciar a exibição de comportamento agressivo, pois a dor pode baixar o limiar para agressão (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005). A descrição e a avaliação do comportamento do cão durante os episódios agressivos podem ser importantes para entender o problema e implementar um tratamento seguro e com sucesso (BRECH *et al.*, 2016). Uma vez identificados comportamentos agressivos, o diagnóstico real requer a definição da motivação por trás deles e das vítimas (STELow, 2018).

O processo de aprendizado também pode desempenhar um papel significativo em diversos problemas comportamentais relacionados à agressividade. Os tutores dos cães podem inadvertidamente reforçar comportamentos agressivos ao acariciar e confortar o cão quando ele está agindo de forma agressiva ou ao oferecer recompensas alimentares na tentativa de acalmá-lo. O cão pode entender que rosnar e morder podem ser uma maneira muito eficaz para conseguir o que quer, como também para evitar um estímulo ou situação indesejada (por exemplo, aparar as unhas). A falta de compreensão daquilo que os proprietários estão tentando comunicar, inconsistências no treinamento e uso de punições podem levar a conflitos, ansiedade e desenvolvimento do comportamento agressivo (LANDSBERG; HUNTHAUSEN; ACKERMAN, 2005).

Por outro lado, já foram devidamente evidenciadas diversas características de comportamento de origem hereditária em animais. A agressividade é uma característica de alta herdabilidade, mas existem grandes diferenças quantitativas no grau de agressão entre raças de cães e também dentro de cada raça (STUR, 1987). Embora exista uma óbvia contribuição genética no nível de agressividade de um cão, o ambiente também desempenha um papel importante (LUESCHER; REISNER, 2008). De acordo com Faraco e Lantzman (2013), o

comportamento dos tutores é considerado como uma possível causa que ocasiona ou perpetua comportamentos inadequados, como a agressividade.

O surgimento da agressão pode estar relacionado a uma dor física subjacente, como resultado de qualquer doença médica aguda ou crônica que provoque dor, desconforto ou irritabilidade. Isso pode reduzir a tolerância de um cão e intensificar a agressão preexistente ou levar o animal a exibir comportamentos agressivos incomuns. Mesmo que o animal esteja bem no momento, associações negativas podem ter se formado enquanto estava doente e podem persistir após a resolução da doença (SUEDA; MALAMED, 2014). A agressão é um comportamento muito complexo que pode ser dividido em várias categorias, e cada uma dessas categorias resulta da interação entre muitos fatores diferentes (FATJÓ *et al.*, 2007).

1.1. Justificativa

O motivo pelo qual este trabalho está sendo desenvolvido é para conhecer e entender o comportamento animal. Este trabalho tem como foco os caninos, uma vez que esta é a principal espécie não-humana a conviver intimamente com o homem. Esta espécie, muitas vezes, pode ter comportamentos considerados anormais. A agressividade é um destes comportamentos que possuem muita repercussão. Ele pode ser agressivo de forma repentina, como em diversos ataques já documentados, em que esses animais, de um modo completamente aleatório, ou não, começam a latir e atacar pessoas ou outros animais. Esse tipo de comportamento é extremamente comum em diversas situações, sendo de importância e significância o estudo e a compreensão do modo como os cães agem, convivem e se pensam e tem sentimentos ou não.

Portanto, é de suma importância compreender o funcionamento desta espécie para que possamos viver em sociedade, construir um mundo melhor para nós e esses animais que nos acompanham há tanto tempo e possamos cuidá-los bem.

1.2. Objetivos

- Pesquisar o comportamento e o pensamento canino;
- Demonstrar o comportamento canino em relação ao homem;
- Compreender o quanto é importante entender o comportamento e o pensamento canino;
- Proporcionar uma definição de como o comportamento e o pensamento canino podem ser utilizados de forma positiva para os tutores.

2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho a ser utilizada é a pesquisa bibliográfica em sites da internet como o Google Acadêmico, além de revistas científicas especializadas, livros da área, etc. A busca de informações ocorreu através de palavras-chaves, como comportamento canino, distúrbios de comportamento canino, agressividade canina. Os critérios de inclusão das informações coletadas são relevância e objetividade dos assuntos, bem como artigos simples e de fácil entendimento tanto em português quanto inglês e espanhol.

Após a realização da busca e do aprofundamento do conhecimento sobre o assunto, decidiu-se fazer um levantamento do tema entre os colegas de sala de aula para conhecer a realidade do comportamento canino nas famílias pertencentes à comunidade escolar, através de um questionário com perguntas fechadas e abertas. A amostragem é de 25 alunos do nono ano do ensino fundamental da Escola João Paulo I. Para tanto, foi idealizado e posteriormente confeccionado um questionário com 14 perguntas e aplicado através da ferramenta de formulários do Google . O critério principal para responder as perguntas é ter um animal de estimação da espécie canina. Até o momento, houve uma baixa adesão dos colegas. Portanto, os resultados coletados e aqui demonstrados serão ainda parciais. Apesar da pouca base de dados, com as informações encontradas foi feita análise parcial do conteúdo e buscou-se fazer correlações com os achados na literatura através de estatística simples com o levantamento percentual dos resultados.

O tempo exíguo pode ser um dos fatores de pouca adesão ao questionário (até o momento 8 responderam), assim como também foi possível perceber que na confecção das perguntas houve problemas para serem respondidas. Foi possível notar, por exemplo, que alunos que tinham mais de 1 animal deveriam responder repetidamente o questionário conforme o número de animais. Este fato pode explicar a baixa adesão à participação do trabalho. Por outro lado, os resultados poderão sofrer distorções já que alguns alunos responderão mais de 1 vez as perguntas. A partir destas primeiras observações a campo, será possível fazer os ajustes necessários ao questionário para obter-se resultados mais fidedignos ao tema aqui abordado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidos 7 questionários. Metade (57,1%) dos entrevistados já foram agredidos, sendo os ataques principalmente na rua. Segundo o mais recente índice publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população canina é de 54 milhões, enquanto a população felina é de 24 milhões. Com base nas tendências de crescimento identificadas no estudo, daqui a 10 anos, estima-se que o número de cães atingirá 70,9 milhões, enquanto o número de gatos será de 41,6 milhões (SINDAN, 2021), demonstrando a enorme população canina no Brasil. Diante desses dados, percebe-se que o número de caninos em relação à população brasileira é de 1 cão para cada 4 indivíduos.

As principais raças que os entrevistados foram agredidos foram Shih-tzu e SRD (sem raça definida). Segundo a Confederação Brasileira de Cinofilia (CBKC), o Shih-tzu está entre as 10 raças mais comuns no Brasil, como aponta o artigo no Jornal Estadão (CERVENKA, 2022). As idades dos cães se distribuem da seguinte maneira: 50% é desconhecida e outros 50% têm entre 3 e 10 anos de idade.

Interessante observar que 100% dos entrevistados foram atacados no ano de 2018. Conforme descrito anteriormente por Faraco e Soares (2013), o período de socialização primário acontece da terceira semana ao terceiro mês de vida que irá determinar padrões de comportamento na vida adulta. Durante esse período, o animal passa por fases de identificação, reconhecimento, localização e habituação a uma variedade de estímulos sociais e ambientais. Esses processos são cruciais para que o filhote desenvolva a capacidade de se adaptar e interagir de forma adequada com o ambiente e com outros animais ao seu redor. Segundo o mesmo autor, é nesta fase que se recomenda iniciar a educação dos filhotes, pois o processo de habituação ajusta os comportamentos desse animal ao ambiente. Se esse período não ocorrer de forma adequada, o animal poderá desenvolver problemas de comportamento, como medo e agressividade (FARACO E SOARES, 2013).

Pôde-se observar que os entrevistados possuem tanto animais do sexo feminino (50%) quanto sexo masculino (50%). Por outro lado, no estudo de Santos (2020), a maioria das agressões se deu por cães machos (38%), e as fêmeas representaram 35,7% , sendo que 26,19% das pessoas não souberam indicar o sexo do cão agressor.

Importante ressaltar que 71,4% dos cães foram esterilizados e 28,6% não. Os animais não esterilizados tendem a morder 2,6 vezes mais (SACKS *et al.*, 2000). Em um estudo de Paranhos e colaboradores (2013), em um total de 594 dos entrevistados, 52,5%, não souberam informar sobre a condição reprodutiva do animal, 41,0% relataram que o cão não era castrado e

6,4% disseram que o cão era castrado, demonstrando que a maioria das agressões são por animais conhecidamente não esterilizados.

Outro dado importante é que 71,4% dos caninos não foram adestrados e 28,6% foram. No estudo realizado por González-Martínez *et al.* (2019), foi avaliado o efeito das aulas de socialização para filhotes sobre o comportamento desses cães na idade adulta. Foram avaliados 80 cães, sendo que 32 participaram das aulas e 48 não participaram. Os resultados indicaram que os cães que frequentaram as aulas de socialização apresentaram um menor número de problemas comportamentais e exibiram uma taxa de agressão mais baixa em comparação com aqueles que não participaram das aulas.

Agora, o dado mais importante que vale ressaltar é que 50% de todos os entrevistados tiveram pelo menos 2 agressões e 50% tiveram 3 ou mais. Este dado se torna importante, uma vez que todos os entrevistados foram agredidos pelo menos uma vez, demonstrando como é comum agressões pelos animais de estimação.

Ao buscar dados sobre o número de agressões por cães no Brasil, notou-se que todos os disponíveis, principalmente do Sistema Único de Saúde e do Ministério da Saúde, estavam desatualizados. Outra observação é que estes dados são de notificação compulsória, já que nas agressões caninas é necessário avaliar o caso com vistas à necessidade de vacinação anti-rábica e controle da Raiva humana e animal. Outro dado relevante foi que 71,4% dos entrevistados tiveram agressões leves, 28,6% moderada e nenhuma grave. Talvez, o fato das lesões, na sua maioria, serem leves implique na grande possibilidade de subnotificação aos sistemas de saúde. Pela grande relevância que tem a Raiva Humana, sendo uma doença fatal e, portanto, de notificação compulsória, é de fundamental importância que os órgãos de saúde governamentais atualizem seus dados, pois foi possível perceber que em inúmeros trabalhos sobre esse tema disponibilizados para consulta bibliográfica relataram a dificuldade de achar esses dados que são de suma importância para a saúde humana e animal.

4. CONCLUSÃO

A elaboração do trabalho proporcionou, ainda que em uma pequena amostragem, resultados interessantes, uma vez que todos os participantes sofreram agressões caninas, o que demonstrou a alta incidência desse acidente, principalmente em animais não castrados, sugerindo que, ao realizar o procedimento de esterilização, poder-se-ia diminuir esta incidência. Da mesma forma, o trabalho demonstrou também a necessidade da educação animal e dos tutores na criação dos *pets* para evitar esses acidentes. Por outro lado, foi possível perceber a falta de informações disponíveis pelos órgãos competentes para ajudar nas políticas públicas. Portanto, concluiu-se que este tema possui uma relevância social, corroborando a bibliografia encontrada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRECH, S. L. et al. Canine aggression toward family members in Spain: clinical presentations and related factors. **Journal of Veterinary Behavior**. v. 12, p. 36-41, Mar-Apr 2016.

CALDERON, N. A. M.; CHIOZZOTTO, E.N.; GOMES, L. H.; ALMEIDA, M.; GARCIA, R. C. M. **Guia Prático Curso de Formação de Oficiais de Controle Animal (FOCA)**. 2.ed. Instituto Técnico de Educação e Controle Animal. 2008.

CERVENKA, Luiza. 10 raças de cães mais amadas pelos brasileiros, 2022. Disponível em <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento-animais/10-racas-de-caes-mais-amadas-pelos-brasileiros/#:~:text=A%20Confedera%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de%20Cinofilia,a%20mais%20buscada%20pelos%20brasileiros>. Acesso em 07 de maio de 2023.

FARACO, C. B.; LANTZMAN, M. Relação entre humanos e animais de estimação. In: FARACO, C. B.; SOARES, G. M. (Orgs.). **Fundamentos do Comportamento Canino e Felino**. São Paulo: MedVet. , 2013, cap. 1, p. 1-12.

FARACO C. B. SOARES G. M. **Fundamentos do comportamento canino e felino**. São Paulo: Editora MedVet, 2013. 242p.

FATJÓ, et al. Analysis of 1040 cases of canine aggression in a referral practice in Spain. **Journal of Veterinary Behavior**. v. 2, n. 5, pp. 158-165, Sept 2007.

GERGER, A. ; ROSSI, A. **Cão de família - a arte de cuidar, educar e ser feliz com seu melhor amigo**. Rio de Janeiro - Editora Nova Fronteira, 2011.

GONZÁLEZ-MARTÍNEZ, A. *et al.*, Association between puppy classes and adulthood behavior of the dog. **Journal of Veterinary Behaviour**. v. 32, p. 36-41, July-Aug 2019.

HOROWITZ, A. **A cabeça do cachorro - o que seu amigo mais leal vê, fareja, pensa e sente**. 2 ed Rio de Janeiro - editora best seller 2011

LANDSBERG, G.; HUNTHAUSEN, W.; ACKERMAN, L. **Problemas comportamentais do cão e do gato**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2005.

LUESCHER, A.U.; REISNER, I.R. Canine aggression toward familiar people: a new look at an old problem. **Veterinary Clinics Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 38, n. 5, p. 1107-1130, Sept. 2008.

PARANHOS, N.T.; SILVA E.A.; BERNARDI, F.; MENDES, M.C.N.C. JUNQUEIRA, D.M.A.G. SOUZA, I.O.M.; ALBUQUERQUE, J.O.M.; ALVES, J.C.M. MACHADO, M.N.P. Estudo das agressões por cães, segundo tipo de interação entre cão e vítima, e das circunstâncias motivadoras dos acidentes, município de São Paulo, 2008 a 2009. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec**. v.65, n.4 , Ago 2013

ROSSI, A. **Comportamento canino: como entender, interpretar e influenciar o comportamento dos cães**. R. Bras. Zootec. v. 37, Jul 2008.

SACKS, J. J.; SINCLAIR, L.; GILCHRIST, J. *et al.* Breeds of dogs involved in fatal human attacks in the United States between 1979 and 1998. **J. Am. Vet. Med. Assoc.**, v.217, p.836-840, 2000.

SANTOS, D. A. dos; CAROTTA, N. V. da S. B. FONSECA, M. E. B. da; ALONSO, I. de A.; SOARES, G. . Estudo do perfil epidemiológico das agressões de cães aos humanos nos municípios de Barra do Piraí, Paraíba do Sul e Paracambi/RJ. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 12, p. e4419129920, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i12.9920. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9920>. Acesso em: 7 jun. 2023.

SILVEIRA, E. M. et al. Comportamento Canino. In: MARTINS, N. R. S.; SOARES, D. F. M. (Orgs.). Introdução à Medicina Veterinária do Coletivo. **Cadernos Técnicos da Escola de Veterinária da UFMG**. n. 83, 2016.

SINDAN - SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE PRODUTOS PARA A SAÚDE ANIMAL. Número de cães e gatos no Brasil deve chegar a mais de 100 milhões em 10 anos. 2021. Disponível em <https://sindan.org.br/release/numero-de-caes-e-gatos-no-brasil-deve-chegar-a-mais-de-100-milhoes-em-10-anos/#:~:texto=De%20acordo%20com%20%20%C3%BAltimore,seria%20de%2041%2C6%20mil%C3%B5es>. Acesso em 07 de maio de 2023.

SOARES, G. M.; TELHADO, J.; PAIXÃO, R. L. Agressividade em cães de apartamento no município de Niterói-RJ. **Revista da Universidade Rural**, Série Ciências da Vida, v. 27, p. 323-325, 2007.

SOARES, G. M.; TELHADO, J.; PAIXÃO, R. L. Avaliação da percepção de proprietários de cães residentes em apartamentos no município de Niterói-RJ sobre os sinais da síndrome de ansiedade de separação em animais. **Archives of Veterinary Science**, Niterói, v. 17, n. 2, p. 10-17, 2012.

STELow, E. Diagnosing behavior problems: a guide for practitioners. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, United States, v. 48, n. 3, p. 339-350, May 2018.

STUR, I. Genetic aspects of temperament and behavior in dogs. **Journal of Small Animal Practice, Gloucestershire**, v. 28, n. 11, p. 957-964, Nov 1987.

SUEDA, K. L. C; MALAMED, R. Canine aggression toward people: a guide for practitioners. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**. v. 44, n. 3, p. 599-628, May 2014.